

MARIA, ESTRELA E MÃE DA NOVA EVANGELIZAÇÃO

“anuncie a Boa Nova não só com palavras, mas, sobretudo, com uma vida transfigurada pela presença de Deus” (EG 259).

O tema da “nova evangelização” aparece com freqüência em diferentes ocasiões na voz dos papas atuais. No discurso inaugural da IV Conferência do Celam, são João Paulo II recorda que a evangelização deve ser “nova no seu *ardor, método e expressão*” e que uma “evangelização nova no seu ardor, supõe uma fé sólida, uma caridade pastoral intensa e uma fidelidade a toda prova, que, sob o influxo do Espírito, gere uma mística, um incontido entusiasmo, na tarefa de anunciar o Evangelho” (Doc. SD, 10).

O papa Francisco introduz a exortação apostólica E.G. dizendo que “a alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus [...]. Com esta exortação, quer dirigir-se aos fiéis cristãos a fim de convidá-los para uma nova etapa evangelizadora marcada por esta alegria e indica caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos” (EG 1).

Maria, a estrela

Maria é a estrela, cuja luz lhe advém da Fé. Esta fé foi proclamada por Isabel quando Maria chega para visitá-la. Nada de grandioso, nada de aparente e, no entanto, Isabel proclama: “Feliz aquela que acreditou, pois o que lhe foi dito da parte do Senhor será cumprido!” (Lc 1,45)

O importante acontecido em Nazaré após a visita do Anjo é que Maria “acreditou”, tornando-se assim, a “Mãe do Senhor”. Certamente a resposta de Maria “Eis aqui a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38), foi o maior e mais decisivo ato de Fé que, com poucas e simples palavras, aconteceu na história da humanidade.

Este momento histórico torna-se luz para sempre. Desde aí, esta estrela começa a brilhar pela Fé, pois a plenitude da graça da parte de Deus corresponde à plenitude de fé da parte de Maria.

Esta verdadeira fé que não é uma honra ou um privilégio, mas um morrer...

A vida toda de Maria foi um contínuo “ato de fé”, ato de amor e docilidade livre, como diz o Concílio Vaticano II, Maria “avançou em peregrinação de fé” (LG 58). Graça e Fé a acompanharam durante toda a sua vida.

Ao contemplarmos Maria como a estrela da nova Evangelização “acreditamos na força revolucionária da ternura e do afeto. Ternura e humildade como virtude dos fortes, não precisando se impor sobre os outros para se sentir importante” (EG 288).

Esta estrela ainda nos ensina a perceber os sinais do Espírito de Deus tanto nas grandes como nas pequenas coisas (idem).

Maria a "Mãe"

Mãe é a que gera, concebe a nova vida.
Sua verdadeira maternidade é acolhida,
na fé, da Palavra divina.

“Junto à cruz de Jesus estavam de pé sua mãe e Maria Madalena. Jesus, ao ver sua mãe e, ao lado dela, o discípulo que Ele amava, disse à mãe: ‘Mulher, eis o teu filho’” (Jo 19,26). Estas são palavras de Jesus transmitidas pelo discípulo amado que nos introduzem no mistério que elas significam. João é o único evangelista a fazer esta referência. Denota sua grande importância ao serem pronunciadas por Jesus no momento extremo de sua vida

A presença de Maria neste momento não é casual. Revela algo do plano divino. Maria sempre ia a Jerusalém por ocasião da festa da Páscoa (cf Lc 2,41) e o fazia para comemorar a libertação do povo de Israel do Egito, mas também porque esperava a libertação messiânica, pois acreditava, por causa da Anunciação que chegaria o momento em que Jesus, como o Messias, devia instaurar o reino que duraria para sempre (cf Lc 1,32-33).

Dando o seu “sim” ao anúncio do Anjo, havia se comprometido com a realização do plano de Deus. Por esta razão, a festa da Páscoa tinha para ela um significado muito particular, pois percebia que o momento se aproximava.

Quando apresentou Jesus no templo, (cf Lc 2,22-23) a profecia de Simeão a fez sentir que, como mãe, devia viver uma experiência dolorosa (cf Lc 2,25). A ameaça da espada que lhe traspassaria a alma não foi esquecida. E a hostilidade desenvolvida como reação à pregação de Jesus confirmava a ameaça.

Quando Jesus decidiu voltar à Judéia para a ressurreição de Lázaro (cf Jo 11,7) também os discípulos perceberam o perigo a tal ponto de Tomé dizer “Vamos nós também, para morrermos com ele!” (Jo 11,16).

Certamente Maria também sabia deste perigo por isso tinha um motivo a mais para ir à Jerusalém para a Páscoa: estar próxima do Filho quando sua vida estivesse em perigo. Sua presença era sinal do compromisso radical na missão do Salvador. O Calvário era para ela o cumprimento pleno de uma missão. E ela, se associou completamente à missão redentora de Cristo. Tinha consciência de que devia participar desta missão.

A entrega de Maria a João não visava apenas a assistência por parte do discípulo, porque lá estava também Maria, de Cléofas que era sua parente próxima e Maria Salomé, mãe de Tiago e João.

Nesta hora Maria recebe nova missão: deverá ajudar João oferecendo os serviços de mãe. Esta nova missão só tem sentido em relação à obra da redenção e sua maternidade será apoio e assistência ao discípulo predileto.

O termo “mulher”, usado por Jesus indica que Ele se coloca acima de qualquer relação familiar. Este também foi o termo usado por Jesus nas bodas de Caná (cf Jo 2,4), para mostrar que o primeiro milagre não seria obtido apenas pelos laços de família, mas, sobretudo pela fé.

A palavra “mulher, eis o teu filho” é orientada para o futuro e confere a Maria uma nova maternidade que irá caracterizar o crescimento da Igreja. Esta passagem à nova maternidade é dolorosa. Jesus pede a Maria que aceite a sua morte e aceite outros filhos. É a partir do sacrifício de Jesus que Maria adquire a maternidade da Igreja.

É a “nova criação” que nasce do sacrifício de Jesus. As pessoas são elevadas à dignidade de Filhos do Pai, em Cristo. Recebem a comunicação da vida divina, com os privilégios próprios desta relação com o Pai. A criação dos filhos de Deus é acompanhada da criação da maternidade universal de Maria.

At 1,14 diz que os apóstolos “perseveravam na oração em comum, juntamente com algumas mulheres, entre elas, Maria, mãe de Jesus”. Com certeza, está falando que Aquela que exerceu um papel importante no nascimento de Jesus, é agora convidada a exercer uma função única, no nascimento da Igreja.

Esta presença de Maria entre os apóstolos indica ainda a continuidade entre a Anunciação e Pentecostes, da mesma forma que existe continuidade entre a vinda do Salvador e a continuação de sua missão na Igreja. Ambas acontecem por obra do Espírito Santo, mas requerem a participação de Maria.

Além de significar a solidariedade com os discípulos, mostra sua função no plano de Deus. Equivale a dizer que deste fato, em diante, Maria estaria presente na vida da Igreja como aquela que intercede para obter os dons do Espírito Santo.

A maternidade, também a espiritual, como a física, se realiza através de dois atos; conceber e dar à luz. É o que ela é chamada a realizar como Mãe da Nova Evangelização, esta maternidade, não apenas proclamada, mas instituída por Jesus, na cruz não é mérito, mas graça. É maternidade não segundo a carne, mas segundo o Espírito.

Pela fé, temos a convicção de que podemos invocar Maria como estrela e mãe da nova evangelização na certeza de que ela é aquela presença terna e carinhosa que nos assiste, nos acompanha e até nos antecede na missão que Deus e a Igreja hoje nos confiam.

Resposta filial

Jesus, naquele momento, disse ainda: “Eis a tua mãe” (Jo 19,27). Desta forma, torna evidente a nova relação proposta entre ambos: à solícitude materna de Maria deve corresponder uma atitude filial da parte do discípulo.

A consequência imediata para João foi acolhê-la em sua casa, ou melhor, acolheu-a na sua intimidade. Maria foi confiada ao discípulo como uma mãe que deve ser venerada como tal, mais do que uma mulher a ser protegida. É uma acolhida de fé, pois foi com fé que ele acolheu as palavras de Jesus.

O que Jesus espera de cada cristão é que tenham para com sua mãe, o mesmo afeto filial que Ele lhe devotou. Que o cristão reconheça Maria como sua mãe, é parte do plano divino.

*“Estrela da nova evangelização,
ajudai-nos a refulgir
com o testemunho da comunhão,
do serviço, da fé ardente e generosa,
da justiça e do amor aos pobres,
para que a alegria do Evangelho
chegue até aos confins da terra
e nenhuma periferia fique privada da
sua luz”.*